

LITUMA NOS ANDES, DE MARIO VARGAS LLOSA E O LABIRINTO LATINO-AMERICANO

Sullivan Charles Barros¹

Resumo

A Literatura oferece uma importante contribuição para a compreensão do mundo sócio-cultural. Ela é uma instituição viva, que deve ser entendida como um processo histórico, político e filosófico; semiótico e linguístico; individual e social, a um só tempo. Ela possui o efeito de multiplicar as possibilidades de leitura. Torna-se, portanto, uma forma privilegiada de compreensão do imaginário de uma época, permitindo que ela enxergue traços que outras fontes não nos forneceriam. Literatura é caracterizada por trabalhar com possibilidades, enquanto que, por outro lado, as Ciências Sociais lidam com a realidade, levando em consideração que a literatura não tem compromisso com os fatos chamados históricos – ou seja, ela não tem a obrigatoriedade de ser fiel aos acontecimentos sociais do presente e do passado. Neste sentido, a presente pesquisa analisa *Lituma nos Andes*, de Mário Vargas Llosa, obra de 1993, escrita três anos depois de que Vargas Llosa perdera as eleições presidenciais do Peru para Alberto Fujimori. Nesta obra, o autor aprofunda a divisão cultural peruana, entre os limeiros da costa e os indígenas serranos. As condições de colonização espanhola diante da topografia proporcionaram tal divisão no Peru: tradições milenares que se mantêm nas serras andinas em oposição à faixa litorânea, onde a cultura espanhola mais penetrou.

Palavras-Chave: Literatura; Sociedade; América Latina; A Casa dos Espíritos; Isabel Alende.

Introdução

A literatura constitui-se como forma de manifestação artística condutora de diversos aspectos sociais da realidade que visa retratar. Para que ela exista e seja dotada de certa função, torna-se necessário que haja uma troca de valores entre escritor e seus leitores. Nesse sentido, os ritos, heróis, conflitos e narrativas advindos das obras literárias cumprem uma função social: a produção de um espaço de interação de valores sócio-históricos entre os sujeitos envolvidos (autor e leitor) e, desta forma, a literatura só existe neste intercâmbio cultural.

A Literatura oferece uma importante contribuição para a compreensão do mundo sócio-cultural. Ela é uma instituição viva, que deve ser entendida como um processo histórico, político e filosófico; semiótico e linguístico; individual e social, a um só tempo. Ela possui o efeito de multiplicar as possibilidades de leitura. Torna-se, portanto, uma forma privilegiada de compreensão do imaginário de uma época, permitindo que ela enxergue traços que outras fontes não nos forneceriam.

¹ Doutor em Sociologia, Universidade de Brasília. Professor da Universidade Federal de Goiás – UFG.

Literatura é caracterizada por trabalhar com possibilidades, enquanto que, por outro lado, as Ciências Sociais lidam com a realidade, levando em consideração que a literatura não tem compromisso com os fatos chamados históricos – ou seja, ela não tem o compromisso de ser fiel aos acontecimentos sociais do presente e do passado.

Nesta relação entre Literatura e Ciências Sociais é preciso levar em conta a relação da literatura com a história política, social, econômica e cultural, sua relação com a tradição literária e com a literatura do tempo e também a relação do texto com o assunto do qual ele fala e com o público ao qual ele se dirige direta ou indiretamente.

No contexto dos estudos literários na América Latina, “resistência” tem sido uma expressão com conotação teórico-crítica frequentemente referida para tratar de obras que problematizam episódios históricos de exceção, como as Ditaduras Militares vivenciadas ou momentos do chamado pós-colonialismo, no caso de literaturas produzidas em países tornados independentes politicamente. Dizer que uma obra literária está associada a uma perspectiva de resistência implica, nessa linha de raciocínio, apontar elementos de ordem temática que atestam a contrariedade do texto artístico a um sistema social, a um regime político, a uma experiência cultural, a determinadas práticas sociais, como as relacionadas a gênero, identidade, violência, marginalização etc. Resistir por meio da literatura, portanto, é uma forma de “lutar” contra algum sistema ou situação, de combater ideais, de reagir a perseguições ou imposições de modelos de comportamento socialmente legitimados.

Neste sentido, tem-se como objetivo geral compreender a partir da análise a obra *Lituma nos Andes*, de Mário Vargas Llosa, obra de 1993, escrita três anos depois de que Vargas Llosa perdera as eleições presidenciais do Peru para Alberto Fujimori. Nesta obra, o autor aprofunda a divisão cultural peruana, entre os limeiros da costa e os indígenas serranos. As condições de colonização espanhola diante da topografia proporcionaram tal divisão no Peru: tradições milenares que se mantêm nas serras andinas em oposição à faixa litorânea, onde a cultura espanhola mais penetrou.

Sendo assim, é possível afirmar-se que a literatura não é apenas forma de expressão cultural, mas também “meio de representação”. Ela fornece fontes significativas para os estudos das ciências sociais sobre a própria época em que foi e está sendo produzida além

de representar algo, seja uma realidade percebida e interpretada, seja um mundo imaginário livremente criado pelos seus escritores.

Uma obra literária dirá tanto quanto for questionada. São infinitas as suas possibilidades de leitura. É preciso reconhecer que existe uma manipulação ideológica prévia das narrativas, assim como uma articulação da linguagem literária com a produção do livro em si e com o contexto da sua realização. Nesse sentido, a literatura é uma fonte histórica e sociológica, pois é sempre uma narrativa que nos informa sobre certa sociedade e visão de mundo. Ela está conectada com o imaginário de uma época, é parte de uma cultura, é sempre um enunciado.

Lituma nos Andes e o Labirinto Latino-Americano

Lituma nos Andes, de Mario Vargas Llosa², é uma obra de 1993, três anos depois de que Vargas Llosa perdera as eleições presidenciais do Peru para Alberto Fujimori.

Em 1990 Vargas Llosa foi candidato à Presidência do Peru com um programa político/partidário veementemente de direita, com uma plataforma de propostas que discutiam a violência do Sendero Luminoso³, a desmensurada repressão de Alán García⁴, a estatização dos bancos⁵, além do Peru se encontrar em um cenário de pânico no setor financeiro e de grave crise econômica.

² Jorge Mario Pedro Vargas Llosa nasceu em Arequipa, Peru no dia 28 de março de 1936, é um escritor, jornalista, ensaísta e político, foi agraciado com o Prêmio Nobel de Literatura de 2010.

³ O Sendero Luminoso (caminho luminoso, em espanhol) é uma organização de inspiração maoísta (corrente do comunismo baseada nos fundamentos de Mao Tsé-Tung) e fundada na década de 1960 pelos corpos discentes e docentes da Universidade do Peru (especialmente da província de *Ayacucho*). O Sendero Luminoso é considerado o maior movimento terrorista do Peru, e está entre os dois maiores grupos de ação da América do Sul (ao lado das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia, FARC), sendo inspirado no antifascismo contra o regime militar do país nos anos 1960.

⁴ Alan Gabriel Ludwig García Pérez nasceu em Lima no 21 de maio de 1949 e foi presidente de seu país por duas vezes, entre 28 de Julho de 1985 e 28 de Julho de 1990 e entre 28 de Julho de 2006 e 28 de Julho de 2011. Em seu primeiro mandato, a administração de Alan García, do tradicional partido de centro-esquerda APRA, foi marcada pela estatização de bancos, pelas greves e pela inflação. Também foi o período de maior força do Sendero Luminoso, que, por meio da luta armada, tenta instalar um regime comunista-maoísta no Peru.

⁵ Em seu primeiro mandato, Alan García apresentou ao Congresso da República do Peru o projeto de estatização dos bancos. O programa “heterodoxo” de Garcia exigia o reinvestimento dos lucros que os empresários obtiveram com o aumento da demanda para gerar emprego e para que a economia não parasse. No entanto, os empresários não reinvestiram e García interpretou que ele havia sido traído. A nacionalização

Vargas Llosa, porém, perde as eleições para Alberto Fujimori, que em seguida daria um autogolpe, passando a governar com poderes ditatoriais. Era um período de grande convulsão social no Peru, que se via acossado pelos do Sendero Luminoso e do Movimento Revolucionário Tupac Amaru – MRTA, grupos que só seriam desbaratados anos depois. É nessa época que derrotado nas eleições e exilado na Europa que se publica *Lituma nos Andes*, romance em que se volta em cheio à cultura e à política peruanas de seu tempo.

Em *Lituma nos Andes*, Vargas Llosa aprofunda a divisão cultural do Peru, entre os limeiros da costa e os indígenas serranos. As condições de colonização espanhola diante da topografia proporcionaram tal divisão: tradições milenares que se mantêm nas serras andinas em oposição à faixa litorânea, onde a cultura espanhola mais penetrou. A história se passa na década de 1980, época marcada pelas ações violentas do Sendero Luminoso. Este grupo professava a igualdade e a melhoria das condições de vida dos camponeses, fazia passar a sua mensagem de forma extremamente violenta e pouco corrente.

Lituma é um cabo da polícia de Piura, região costeira, e é chamado a cuidar do posto policial em Naccos, em meio às serras andinas, local dominado pelos senderistas, onde três pessoas desapareceram. Lituma é um homem preconceituoso ao extremo e quando vê algum serrano por quem se afeiçoa, diz frases como: “Por sua maneira de ser, você mereceria ter nascido na costa” (2016, p. 13). O Cabo Lituma e o seu adjunto, Tomás Carreño (mais conhecido por Tomasito ou Carreñito) chegam ao posto da Guarda Civil de Naccos, uma antiga aldeia mineira, isolada na serra andina. Eles têm como missão supervisionar a construção da estrada há muito ansiado pela população local, geradora de

do setor bancário foi precisamente uma medida para controlar o capital e injetá-lo na economia. O projeto despertou a oposição dos setores empresariais e do direito político, destacando a figura de Mario Vargas Llosa entre a oposição. No Congresso, a aprovação do projeto levou vários meses e um tribunal declarou inadmissível.

emprego e a última esperança de uma vida melhor para aqueles que permaneceram depois da exploração mineira ter terminado na região.

Lituma sente dificuldades em ambientar-se à serra, tendo nascido e criado na zona costeira do Peru, não entende o caráter desconfiado dos serranos e as suas crenças e superstições. Vive, juntamente com Tomás Carreño e o resto da população, com receio do ataque dos terrucos (guerrilheiros do Sendero). Dão por certa a sua vinda, só não sabem quando a ambos têm a certeza de que não sairão dali com vida. Para piorar a vida dos dois, quando três pessoas desapareceram sem deixar rastro, todos se isolam destes e em nada contribuem para a resolução do mistério que acaba por se tornar uma obsessão para Lituma. O único momento de entretenimento que Lituma experimenta é a noite, quando Tomás, partilha com ele a história de seu amor com a bailarina Mercedes, a mulher que o levou ao desterro em Naccos.

Há uma rede de histórias, todas contadas ao mesmo tempo, que muitas vezes se tocam, onde conhecemos todas as personagens, não só o seu presente, mas também o seu passado e o que as levou ali. Nessas histórias a violência é um tema constante. Vargas Llosa utiliza-se do recurso de que estas narrativas passam a ser contadas em conjunto com a história de amor de Tomás para com Mercedes, tornando-se, desta forma, mais palatável para os dois e para os leitores.

O desvendamento do mistério que cerca o desaparecimento de três homens vem paulatinamente com a aproximação de Lituma à cultura pré-hispânica do Peru. Inicialmente por meio do olhar do etnólogo dinamarquês Stirmsson, apelidado de Escarlatina, por quem o cabo fica fascinado, e logo depois pelos relatos dos próprios nativos. Ainda assim, torna-se possível percebermos que esta aproximação é também problemática, como também servisse para mostrar aos leitores – sempre pelos olhos de Lituma – os motivos do atraso peruano. No limite, ao solucionar os crimes a partir das crenças peruanas milenares como os sacrifícios humanos às divindades da montanha, Vargas Llosa termina por lançar mão do exotismo que caracterizou os autores de sua geração.

Vale lembrar que este encontro entre Lituma e o homem “civilizado” (o etnólogo dinamarquês) começa a desestabilizar sua firme opinião. Em uma breve lição histórica e

antropológica o etnólogo assevera para Lituma que a antiga cultura dos Andes era a dos *huancas*⁶, uma cultura que foi apagada pelos *incas*⁷. Os incas ficaram com a boa imagem, a de conquistadores tolerantes, que adotaram os deuses dos vencidos. Mas, ensina que essa ideia não passa de mito histórico. O império incaico foi brutal com os povos que não se submetiam docilmente. Eles expulsaram os *huancas* e os *chancas*⁸ da história. Destruíram suas cidades e os espalharam por meio dos exílios em massa de populações. Os rastros de crenças e costumes desses povos foram totalmente apagados da história.

Os *huancas*, diz Stirmsson, não têm a simpatia dos historiadores modernos visto que ajudaram os conquistadores espanhóis contra o exército dos *incas*. Para ele, eles teriam apenas seguido um antigo princípio: os inimigos de nossos inimigos são nossos amigos. Os espanhóis terminaram por submetê-los de modo mais cruel do que os incas e a história registrou os *huancas* com escassas referências de homens com hábitos ferozes e colaboradores do invasor. O etnólogo então conclui:

“Eu me pergunto (...) se o que acontece no Peru não é uma ressurreição de toda essa violência represada. Como se tivesse estado escondida em algum lugar e, de repente, por alguma razão aflorasse de novo à superfície” (Vargas Llosa, 2016, p. 144).

Outra discussão do panorama complexo da obra refere-se ao fato da ecologista que acreditava que ao estar a serviço do Peru e (sendo ela também alheia à política), estaria inimputável pelos tribunais senderistas; ou quando sutilmente expõe a relação entre o narcotráfico e a polícia. Mas o Peru mágico prevalece tanto como matéria literária como quanto explicação da situação presente.

Nesta obra, Vargas Llosa revela também uma arqueologia do Peru na medida em que apresenta a ligação entre a brutalidade da realidade e a violenta imaginação que a mantém. Não existe nenhuma redenção do sujeito político. O Sendero Luminoso continuará

⁶ Os *huancas* são povos que viveram na região de Junín, no centro do Peru e ao redor do Vale de Mantaro.

⁷ A Civilização Inca desenvolveu-se na região da Cordilheira dos Andes nos atuais países Peru, Bolívia, Chile e Equador. Fundaram no século XIII a capital do império: a cidade sagrada de Cusco. Foram conquistados e dominados pelos espanhóis, sob o comando do aventureiro e explorador Francisco Pizarro, no ano de 1532.

⁸ O povo Chanca foi uma etnia do *Intermediário Tardio* (1400) do Peru. Inimigos dos Incas, se estabeleceram principalmente em Andahuaylas, situada na atual região de Apurímac.

com a sua destruição. As personagens ou recomeçarão em outra província ou assumirão outros trabalhos intermináveis. É o eterno retorno, onde o caos e a anarquia permanecerão em meio a irrupções irracionais de violência. Não há política nem história nesse final melancólico. Existe a força mítica da natureza que tudo vence. O Peru não pode ser entendido e diante disso, não há nada mais atraente do que a regência arquetípica de um indecifrável mistério.

Lituma nos Andes desenvolve-se aquém do político e da história. Seria uma espécie de teoria sobre a América Latina em desenvolvimento ou em seu subdesenvolvimento: é uma América Latina ordenada por um arcaísmo mítico, obscurantista, com uma violência constitutiva que assombra a psique do Novo Mundo desde a chegada dos europeus.

Considerações Finais

A América Latina não se define pelas suas características físicas ou geográficas. O que faz a América Latina são suas raízes históricas comuns, suas línguas nacionais de origem ibérica (inclui-se também o francês que tem uma origem latina), suas influências culturais comuns, bem como a condição de subordinação ao Império Norte-Americano. Mas, sobretudo, o que faz a América Latina é a sua diversidade cultural. A legitimação da identidade de um povo, de uma nação representa entre outros significados o reconhecimento de sua cultura, modo de vida, língua, costumes, produção artística e cultural entre outras especificidades inerentes ao grupo social. A composição da identidade latino-americana também pressupõe estas prerrogativas.

Entretanto, a identidade latino-americana evoca também entendimentos interessantes a partir da discussão polarizada entre a literatura de ênfase colonialista e a de perfil regionalista, que em si, buscam definir ou rotular a América Latina a sua forma de observação. Isto em função da região em questão ser composta por diversos países com particularidades e também aspectos semelhantes no que tange ao seu processo histórico-político e social.

Este subcontinente enfatizado predominantemente nos escritos do final do século XIX e início do século XX, sob o olhar do “outro” ou da visão eurocêntrica colonialista a

partir de concepções negativas relacionadas às suas características expressivas de pobreza e corrupção eram vistas como inseparáveis do indivíduo latino-americano. No entanto, a literatura e as narrativas emergentes e reativas vieram se estabelecer, somente a partir de meados do século XX, estabelecendo o outro polo de visão da região, em função do não reconhecimento da identidade latino-americana imposta pelo sistema classificatório eurocêntrico.

A desmitificação de determinadas conjunturas analíticas foram os objetivos de alguns escritores, que analisaram a região por outras perspectivas no intuito de reparar a imagem distorcida e equivocada até então preponderante na literatura sobre a América Latina. Em seu Dicionário Amoroso da América Latina, Vargas Llosa afirma ser a literatura, “uma atividade insubstituível para a formação do cidadão numa sociedade moderna e democrática, de homens livres” (2006, p. 213).

A literatura é ao mesmo tempo produto e constituinte parcial da nação e de seu sentido coletivo de identidade nacional. Assim, cada literatura nacional irá constituir-se à diferença de outras, consolidando-se num cânone, cuja base histórica seria o nacionalismo, e cuja principal preocupação seria a sua singularidade. Entretanto, como este cânone se define com referência a outros, também evidentemente mutáveis, e esta referência também varia de acordo com o momento histórico em questão, a literatura produzida em suas nações nunca constituirá um conceito homogêneo, mas, ao contrário, será sempre uma construção em aberto, com facetas múltiplas e diversas, variando de acordo com as necessidades de afirmação e autodefinição de cada momento.

Na América Latina, a construção de cânones literários nacionais sempre esteve vinculada ao processo de formação e constituição das nações. Daí a preocupação, presente na produção literária de cada um dos diferentes países latino-americanos (representadas aqui nas obras selecionadas para análise), com a especificação, de sua singularidade, definida por traços que os diferem uns dos outros e de suas matrizes europeias. Essa preocupação sempre se expressou, contudo, por meio de uma perspectiva ontológica, que levou frequentemente a uma identificação entre a nação e sua produção. Buscava-se constituir um corpus literário que fosse a expressão mais fi el possível do “espírito

nacional”, uma espécie abstrata homogênea, que muitas vezes recebeu designações locais como as de “brasilidade”, “argentinidade”, “mexicanidade”, “peruanidade” e assim por diante.

Referências Bibliográficas

PORTAL SÓ HISTÓRIA. <<http://www.sohistoria.com.br>>, Disponível em:26/03/2018.

PORTAL EDUCAÇÃO UOL. <<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia-brasil/guerra-do-paraguai-triplice-alianca-entre-argentina-brasil-e-uruguai.htm>>, Acesso em 30/03/2018.

VARGAS LLOSA, Mario. *Dicionário Amoroso da América Latina*. Rio de Janeiro, Ediouro, 2006.

_____. *Lituma nos Andes*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2011.